



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MARIA DAS GRAÇAS DIAS TARGINO

**PENSANDO A ESCOLA E O COTIDIANO ESCOLAR:
REFLEXÕES DE UMA ESTAGIÁRIA**

**GUARABIRA-PB
DEZEMBRO/ 2014**

MARIA DAS GRAÇAS DIAS TARGINO

**PENSANDO A ESCOLA E O COTIDIANO ESCOLAR:
REFLEXÕES DE UMA ESTAGIÁRIA**

Relatório de Estágio apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento as exigências para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana.

**GUARABIRA-PB
DEZEMBRO/ 2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

T185p Targino, Maria das Graças Dias
Pensando a escola e o cotidiano escolar: [manuscrito] :
reflexões de uma estagiária / Maria das Graças Dias Targino. -
2014.
42 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Flavio Carreiro de Santana, Departamento de".

1. Ensino de História. 2. Estágio. 3. Mídias I. Título.
21. ed. CDD 981

MARIA DAS GRAÇAS DIAS TARGINO

**PENSANDO A ESCOLA E O COTIDIANO ESCOLAR:
REFLEXÕES DE UMA ESTAGIÁRIA**

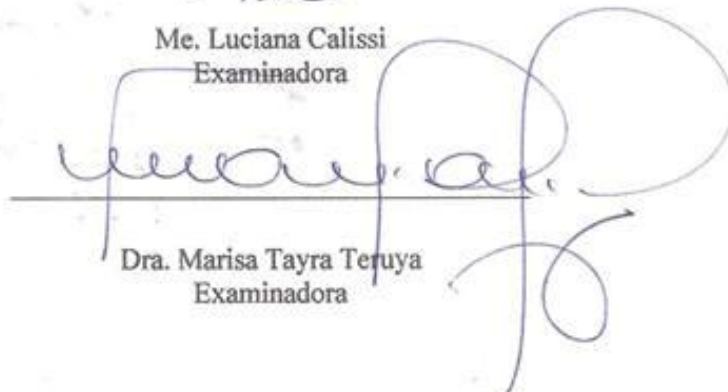
Aprovado em 03/12/2014



Dr. Flávio Carreiro de Santana
(Orientador)



Me. Luciana Calissi
Examinadora



Dra. Marisa Tayra Teruya
Examinadora

**GUARABIRA – PB
DEZEMBRO/2014**

DEDICATÓRIA

Dedico à Marinez Dias por toda a dedicação maternal conferida a mim, bem como à minha avó, Josefa Dias por todo o carinho, além de meu irmão, José Carlos a quem muito estimo. Dedico também à Antônio Humberto, Francinália Ribeiro, Allamon Ribeiro, Euller Pontes, Éria Pontes, Thiago Marreiro e Juliana Cabral, primos-filhos-irmãos-amores pelas horas por tamanha presença e fraternidade. Tenho-lhes imensa gratidão, pois todos vocês são de fato de minha ideia de amor, amizade e família que desejaria que todo ser humano pudesse ter.

Dedico aos meus amados de longas datas: Júnior Pontes, Alex Meaux, Christian Guilherme, Silvio Pontes pelas horas de alegrias e diferenças que a vida traz, neste eterno “refazer-se” mútuo.

E por fim, a todos os meus queridos animais de estimação: Loreena, Bia, Tigresa, Fiona, Malú e Letícia, bem como Cibelle que nos deixou este ano, vitimada por acidente automobilístico. Todos estes são meus queridos amigos que cruzaram meu caminho, deixando de viver na crueldade das ruas pra viver ao meu lado, significando para mim amor, alegria, companhia, pureza e saudade.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores do curso de História da U.E.P.B. CII e especialmente aos Professores Tiago Bernardon, Azemar Júnior, Luciana Calissi e Martinho Guedes pela dedicação ao ofício de “professor-historiador.”

Ao Professor Dr. Flávio Carreiro de Santana, não apenas pela orientação, mas especialmente pela gentileza, dedicação, boa vontade e paciência diante do processo de elaboração deste trabalho, bem como pelo bom exemplo de amizade e respeito para com os alunos da disciplina de ESO II.

Aos companheiros de sala Katiúscia, Fernando e Dulce que significaram “um novo ar” para que eu continuasse neste curso. Foram horas de muitas conversas, risos e amizade na renovação de nossa vida acadêmica desde que deixei a turma 2006.2 para integrar a 2009.2 com vocês.

Hoje, temos ensino para todos, mas não sabemos como transmitir conhecimentos que formem os futuros cidadãos.

(Mary Del Priore)

RESUMO

Este trabalho originado do Relatório de Estágio Supervisionado II, tem por objetivo discutir a renovação do ensino de história na escola pública por meio da inserção das mídias e pequenas mídias móveis em sala de aula. A partir das reflexões de KULCSAR (1991), PERRENOUD (2000), FERREIRA (1999), PIMENTA (1997) e CAIMI (2006), abordaremos o uso destas tecnologias enquanto recursos didático e possibilidades de ensino da disciplina de história.

Palavras-chave: Ensino de História. Estágio. Mídias.

RESUMEN

Esta encuesta originada de la Relatoría de Pasantía Supervisionado II, discutir la renovación de la enseñanza de Historia en la escuela pública a través de la inserción los gadgets en las clases. A partir de las reflexiones de KULCSAR (1991), PERRENOUD (2000), FERREIRA (1999), PIMENTA (1997) y CAIMI, (2006), vamos a discutir el uso de estas tecnologías como recursos didácticos y las posibilidades de la enseñanza de la Historia.

Palavras-chave: Enseñanza de Historia. Pasantía. Los gadgets.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A SALA DE AULA E O COTIDIANO ESCOLAR	12
2.1 ALUNOS DESINTERESSADOS PELA HISTÓRIA OU A FALTA DE UM ENSINO SIGNIFICATIVO E ENVOLVENTE?	14
2.2 ESTÁGIO X ESTAGIÁRIOS: ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.....	16
2.3 A ESCOLA E AS NOVAS TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO OU INVIABILIDADE DE RENOVAÇÃO DE RECURSOS?	24
3 RECONHECIMENTO DO CAMPO DO ESTÁGIO	27
3.1 VIVENDO A DOCÊNCIA	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho evidencia o Estágio Supervisionado no curso de História, bem como o ensino desta disciplina e suas problemáticas, baseando-se nas percepções e descrição do período de regência durante o Estágio Supervisionado Obrigatório II, disciplina ministrada pelo professor Dr. Flávio C. Santana, no curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba. A experiência foi vivenciada na Escola E.E.F.M. Eng^a Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, na turma do 3º ano “C”, turno tarde, na cidade de Belém-PB, entre maio e junho do ano de 2014.

Este trabalho apresenta a minha experiência enquanto concluinte de Licenciatura em História, com reflexões advindas deste período de Estágio Supervisionado na referida escola, e que envolvem a formação da identidade profissional, a dificuldade de encontrar campo de estágio, a falta de interesse do aluno pela disciplina e a possibilidade de tornar a aula de História mais interessante para os alunos a partir das novas tecnologias que eles tanto valorizam, sendo elas parte de sua cultura juvenil: O tablet, os celulares e os recursos áudio-visuais como um todo, que representam modernidade, entretenimento e a possibilidade de interagir com o que eles desejarem. Desta feita, estes recursos podem ser grandes aliados do ensino, visto que os alunos lhes têm muita proximidade e valorização.

Refletiremos também sobre o estágio e sua importância no processo de formação do professor, um momento no qual saímos da teoria para a prática e encontramos dificuldades muitas vezes não abordadas nas aulas de ESO I e II, o que leva-nos a pensar se o tempo de regência e a teoria são suficientes no processo de formação inicial dos professores.

Despertar o interesse dos alunos para a disciplina de História, desenvolver a habilidade de tornar a aula mais atraente e participativa, visando uma melhor compreensão dos conteúdos ministrados pelos professores, implica em repensar o ensino de História, na necessidade de quebrar o aprendizado que para muitos alunos e professores não passa de decorar fatos e datas para as provas que geralmente trazem questões fechadas, mas este modo de ensino, como já vem sendo amplamente discutido nas disciplinas voltadas para o ensino-aprendizagem, não permitem que percebamos se o aluno desenvolveu a capacidade de discutí-los ou criticá-los mais profundamente.

Não sabemos se este modo de ensino ocorre por falta de recursos, formação docente ou por falta de vontade do professor, no sentido de desenvolver novas práticas de ensino, mas,

sabemos que na maioria dos casos, as escolas públicas brasileiras têm como recurso para as aulas apenas o livro didático, e o que percebemos muitas vezes é a existência de professores condicionados a aulas ministradas com um caráter meramente informativo.

Além desses questionamentos, a utilização de novas tecnologias e fontes como recursos didáticos é importante para ampliar as possibilidades de aprendizagem do aluno, pois, a Escola não pode deixar de se utilizar dos recursos próprios do tempo o qual a escola e o aluno vivem.

Dentro desta perspectiva, desejamos contribuir com as discussões acerca do estágio e ensino de História, percebendo estas tecnologias como de modernização das aulas e possibilidades alternativas de ensino.

2 A SALA DE AULA E O COTIDIANO ESCOLAR

Durante o Estágio Supervisionado Obrigatório, percebi melhor a realidade do cotidiano escolar, marcado pelas relações entre as personagens que compõem a escola: funcionários, professores, a família e os alunos. Deparei-me também com os problemas relativos ao ensino de História no Ensino Médio.

Partindo das discussões abordadas na disciplina ESO II durante as aulas com o professor Dr. Flávio Carreiro de Santana, percebi também a necessidade de tentar compreender qual o nosso papel na atividade docente, no desafio de tornar a disciplina de História mais interessante para os alunos, pois, o interesse ou o não interesse do aluno para com a História é uma forma de relacionamento com a disciplina, com seus ideais, e até mesmo com a sociedade ou com o professor.

A discussão sobre o estágio e sua função na vida do licenciando reside no eixo de sua contribuição neste processo. A teoria é posta em cheque, percebemos ali que a teoria sozinha não faz o professor, e, sobretudo, tem que se valer dos ensinamentos e reflexões da prática docente; porém, a teoria reflete este processo de formação, oferece-nos elementos para que identifiquemos problemas no ensino, na aprendizagem e na escola como um todo. Mas especialmente, ela nos dota de conhecimento para agir com postura a necessária à profissão. É no estágio que nos aproximamos da prática.

Quanto à História, apesar dela estar presente em nossa vida, fazendo parte de nosso cotidiano nos espaços públicos, monumentos e eventos no desenrolar contínuo da história humana, ainda há muitas dificuldades ou indiferença por parte de muitos alunos para com a disciplina de História. Segundo Flávia Caimi (2006, p. 18-19)

“Quando se transita pelas escolas, no acompanhamento de estágios ou na realização de pesquisas, muitos dados vão emergindo. Os professores de um lado, reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes. (...) Os alunos, de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo”, menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável”.

Sendo assim, percebemos que há uma tensa relação entre alunos e professores no que se refere ao ensino-aprendizagem. Não é difícil encontrar queixas de ambas as partes. Este

conflito é uma realidade no âmbito escolar e apresenta elementos importantes que fazem parte do cotidiano dos professores.

A partir de nossa experiência vivenciada no ESO, afirmamos que este é um momento importante para visualizar e experimentar um pouco dessa realidade durante o curso, fazendo parte da formação do futuro professor, porém, o estágio ainda não foi capaz de responder algumas questões importantes do ofício de professor em relação ao aprendizado por parte dos alunos, visto a complexidade encontrada na sala de aula.

Para o licenciando que vive a experiência de estágio, e também para os professores já em atividade, há algumas perguntas que precisam de resposta: *como envolver os alunos durante as aulas? O que faria uma aula de História ser interessante e capaz de atrair os alunos para que participem das atividades ou discussões? Que recursos tornariam isso possível? O que estaria motivando esta relação entre alunos e a aprendizagem que parece muitas vezes tão distante e difícil? Nossos alunos aprendem de modo diferente do que as gerações anteriores aprendiam?*

A partir destas perguntas sobre o aluno, outra questão vem à tona: *se os alunos mudaram, os professores mudaram seu modo de ensinar para estes alunos cujo interesse e modo de aprender está mudando significativamente em relação aos alunos dos anos de 1980 ou 1990, por exemplo?*

Selva Fonseca (2003, p. 19) faz uma importante reflexão a cerca da atuação do professor no projeto educacional:

“Para a realização de um projeto educacional, um dos elementos mais importantes do processo é o professor. Este domina um conjunto de saberes, e a educação realiza-se por meio do seu trabalho de planejamento e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, sendo investido de autoridade acadêmica e institucional”.

Esta observação é muito pertinente, pois, sem o engajamento do professor em qualquer aspecto do ensino, a instituição fragiliza-se. Sem professores bem preparados e focados na atividade educacional a qual a escola ou o Estado planeja, torna-se inviável sua execução e bom andamento. Mas sem os recursos materiais para o seu ofício, o trabalho fica dificultado, pois limita o professor aos recursos básicos: giz (ou caneta), quadro e livro didático.

Outro aspecto importante é relativo aos conteúdos: mesmo quando temos professores com considerável conhecimento na disciplina de história, muitas vezes, percebemos que isso

nem sempre é o suficiente para que o aluno aprenda, participe e se relacione bem com a disciplina.

2.1 ALUNOS DESINTERESSADOS PELA HISTÓRIA OU A FALTA DE UM ENSINO SIGNIFICATIVO E ENVOLVENTE?

Em diversas observações feitas neste estágio sobre o ensino de história e a falta de interesse dos alunos pela disciplina, um ponto chama-nos muita atenção: a história que apresentamos na escola parece que não faz sentido para a maioria dos alunos, não passando muitas vezes de uma disciplina descontextualizada, indiferente ou distante de nossa realidade. Fatos, datas, conceitos... : o passado parece morto, desconexo com nosso tempo, com nossos jovens, e sem sentido ou sem significado para os estudantes de hoje, justamente em um momento no qual, no meio acadêmico, falamos tanto em educação com significado, educação com sentido. Carlos Augusto Ferreira aponta um aspecto preocupante para o ensino de História atual, apesar de todo o esforço já existente nesta área que busca despertar a consciência crítica dos professores para uma atuação docente que supere a historiografia tradicional e positivista na sala de aula:

“O ensino de História ainda é predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se, dessa forma, para os alunos um ensino desinteressante, confuso, anacrônico, burocratizado e repetitivo [...] A manutenção desse processo tem comprometido o ensino de História, o que vem, paulatinamente, desestimulando tanto alunos como professores.” (FERREIRA, 1999, p. 140).

Outro ponto observado por esse pesquisador indica que a educação brasileira ainda tem heranças colonialistas que precisam ser superadas para um avanço metodológico e epistemológico:

“A educação brasileira ainda tem muito da escola tradicional, que nos legaram os jesuítas nos tempos da colonização; estes mantinham um ensino dogmático (baseado apenas na visão da igreja), trabalhado numa visão linear, cartesiana, tendo como referência os pressupostos de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Mesmo depois de o ensino não ser mais exclusividade da Igreja e, por conseguinte, não estar mais sob a orientação jesuítica, os métodos, na sua grande maioria, no Brasil de hoje, ainda

permanecem tradicionais, com currículos defasados, com uma estrutura escolar autoritária, fechada em si mesma, legitimadora de um processo social não igualitário [...]” (CRUZ apud FERREIRA, 1999. p.142)

O ensino de história, pautado na transmissão de conhecimentos de um modo meramente cronológico e fatídico, tomando por fonte apenas e exclusivamente o livro didático, na maioria das vezes não tem despertado no aluno a percepção de que determinada conjuntura histórica estudada é parte de sua própria realidade. Assim, vem tornando os conteúdos em algo sem significado para o aluno, deixando as aulas monótonas, distanciando-o ainda mais desta disciplina, visto que esta forma de ensino não é dinâmica e nega a capacidade abstrativa, opinativa e questionadora dos alunos.

Por outro lado, a tentativa de inovar as aulas de história por meio da inclusão de novas tecnologias, teorias e métodos de ensino não garantem um aprendizado mais efetivo por parte dos alunos, tampouco podem ser inseridas de qualquer forma na sala de aula, pois, “a transformação do ensino de história é estratégia não só na luta pelo rompimento com as práticas homogeneizadoras e acríticas, mas também na criação de novas práticas escolares” (FONSECA, 2003, p. 34).

Deste modo, acreditamos que as novas tecnologias podem auxiliar no ensino de qualquer disciplina, mas sua inserção nas aulas requer não apenas a justificativa de renovação instrumental, pois, faz-se necessária a habilidade do professor com tais recursos, bem como o domínio dos conteúdos a serem ministrados na sala de aula e principalmente a capacidade do professor em envolver os alunos nas aulas, tornando o conhecimento dinâmico, vivo e cheio de significado para o aluno.

Há professores que dão aulas maravilhosas utilizando recursos mínimos, como por exemplo, o livro didático, que, para muitos professores, é visto tão negativamente, significando até certo atraso. Mas há professores que mesmo se utilizando de todos os aparatos tecnológicos, tornariam e tornam qualquer disciplina cansativa, sem a capacidade de criar significados e importância para o aluno, pois não são capazes de envolvê-los nos conteúdos ministrados.

Acreditamos que chamar a atenção do aluno é desenvolver nele um relacionamento com o conhecimento que lhe é apresentado, é um despertar para a consciência analítica e crítica, bem como para a pesquisa que é um dos instrumentos que podem favorecer a apreensão dos conteúdos. Acreditamos também que nenhum conteúdo de história seja “morno, morto ou cansativo” como muitos alunos comentam. O modo como as aulas são

conduzidas é o que faz com que a disciplina de história tenha significados negativos ou positivos para os alunos.

Nesta perspectiva, apresentaremos e discutiremos neste relatório de estágio, alguns problemas do ensino de história observados durante o estágio na Escola Márcia Guedes em Belém - Paraíba, dentre eles, a necessidade de dinamizar as aulas de História, bem como a necessidade de maior investimento por parte do Estado para a aquisição e renovação de recursos didáticos.

2.2 ESTÁGIO X ESTAGIÁRIOS: ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

O ensino de história no Brasil passa por um momento de profundas reflexões no que se refere às metodologias de ensino, ao papel do professor e especialmente a dicotomia entre a teoria prática educacional nesta área:

“Nestes primeiros anos do século XXI, seguimos vivenciando no Brasil um intenso debate sobre metodologias de ensino de história, iniciado nos últimos anos do século XX. Muitas propostas de renovação das metodologias, de temas e problemas ensino têm sido produzidas e incorporadas em salas de aula, tendo como referência o processo de discussão e renovação curricular, desencadeado a partir dos anos 80. Esse processo significou a revalorização da história e da geografia como áreas específicas do conhecimento.” (FONSECA, 2003, p. 243).

Porém, mesmo diante de tantos debates, ainda percebemos na escola a existência de professores que questionam sobre como melhor ensinar a alunos que por algum motivo ainda não conseguem aprender significativamente as disciplinas estudadas. Sabemos que há alunos que não se interessam pelas disciplinas por distração, ou por terem problemas diversos externos à escola ou outros problemas de aprendizagem, mas devemos oferecer aos alunos os instrumentos para que possam desenvolver sua autonomia de pensamento e de expressão de sua compreensão ou mesmo de possíveis dúvidas, interagindo com os saberes, transformando-as em conhecimento e não apenas marcando presença nas aulas, copiando textos ou decorando conteúdos para as provas, como ainda tem sido comum nas últimas décadas.

Essa discussão presente nos cursos de formação contínua de professores ou nos cursos de licenciatura, de fato, carece de respostas: o que significa ensinar com sentido e como

ensinar história aos alunos do século XXI? São questões que nossos cursos ainda não são capazes de responder por completo, ao menos é o que muitos estagiários sentem ao chegarem à sala de aula para as regências no estágio, mas, esta lacuna também é uma realidade dos professores que estão há muitos anos nas salas de aula e que se preocupam com a qualidade de suas práticas e resultados.

Durante a disciplina de ESO I e II, percebemos que o ensino de História vem sofrendo com várias questões no decorrer dos tempos. A falta de interesse do aluno, a falta de recursos que modernizem as aulas de modo que se aproximem da realidade tecnológica a qual os alunos vivem, as deficiências de leitura ou mesmo do desenvolvimento da escrita sobre temas abordados em sala durante as aulas de história, o método de ensino que muitas vezes se torna enfadonho para os jovens alunos são problemas cotidianos na escola. A falta de apoio e incentivo à formação contínua do professor se somam aos problemas cotidianos na escola, além de serem temas discutidos nos encontros de educação e no espaço acadêmico.

A disciplina de ESO oferece-nos a teoria da prática educacional, no que se refere aos seus problemas, mas não apresenta propostas ou metodologias pedagógicas que envolvam e despertem o interesse dos alunos pela disciplina. Assim, enquanto estagiária e futura professora da área de História, sentimos a necessidade de estreitar ainda mais essa relação, conhecendo mesmo o cotidiano escolar para além dos poucos momentos de aula.

Em relação ao ensino, é durante o estágio que percebemos o quanto a teoria e a prática estão bem distantes e tem relação ainda deficiente e esta queixa não é novidade, pois, segundo PEREIRA (2000; p. 33), “A relação teoria e prática foi um dos problemas que mais fortemente emergiu na discussão da formação do professor. Essa é uma questão recorrente nesse debate e ainda hoje não saiu de pauta”.

Esta queixa é encontrada não somente entre os estagiários, mas também entre os professores já em atividade:

“A formação inicial é considerada pelos professores como demasiadamente teórica ou não suficientemente prática, muito afastada da realidade da sala de aula e ligada a modelos pré-estabelecidos. Os professores queixam-se que os cursos de formação não explicitam o suficiente sobre as dificuldades que seriam encontradas no cotidiano escolar, nem da influência dos problemas sociais sobre a classe; que não forneceram informações suficientes sobre as estratégias para lidar com o aluno e as técnicas a serem aplicadas quando os problemas reais se apresentam.” (PERRENOUD, 2000. P. 86)

No processo de formação do professor, o estágio é importante para a observação, aquisição dos saberes próprios do ofício, formação da identidade profissional, reflexões acerca da atividade e para um primeiro contato com a prática docente, mas esta fase inicial de formação tem enfrentado duras críticas nas últimas décadas conforme nos aponta Rosa Kulcsar¹ (1991; p. 63): “O primeiro papel a ser questionado é o da universidade. Ao fornecer uma bagagem teórica específica que exige uma visão crítica da sociedade vigente, ela parece não conseguir formar um profissional competente, capaz de reoperacionalizar a teoria em relação à prática”.

Sabemos que a formação do professor vai além do conteúdo do currículo. A universidade, seja ela pública ou privada, e o docente das disciplinas que refletem a prática de ensino, devem estar atentos para não oferecer aos alunos das licenciaturas um currículo que não reflita a realidade do ensino e da escola atual, pois,

“um currículo formal com conteúdos e atividades de estágio distanciadas da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco tem contribuído para gerar uma nova identidade profissional.” (PIMENTA, 1997; p.16)

O estágio é um instrumento importante, pois, proporciona um encontro entre o licenciando e o seu futuro ofício, ampliando a sua visão sobre a atividade por meio da prática direta, mas especialmente pela troca de experiências entre os demais estagiários, professores e alunos. A teoria também tem papel importante, pois constitui-se como base para a atuação do estagiário, e pela teoria é que se percebe mais rapidamente os elementos que deverá analisar, refletir, buscar soluções quando necessário. Desta forma, apesar de algumas dificuldades encontradas no estágio, quanto á formação do professor, concordamos que tanto teoria quanto a prática tem importante papel na formação da identidade do professor-historiador e na aquisição de conhecimentos pedagógicos, visto que

“[...] os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem –seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores. [...]“O saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores

¹ FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (et al.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais.”(Ibid, p.20-24).

Mas, sabemos que a teoria, apesar de indicar e discutir os problemas educacionais e fazer refletir sobre a prática, não é capaz de solucionar tudo. Isso se explica pela multiplicidade de situações encontradas nas escolas e muitas delas ainda não foram discutidas.

Durante o estágio, percebi que despertar o interesse do aluno para que este participe das aulas, despertando também o hábito da pesquisa e a vontade de estudar, realmente não é uma tarefa fácil, visto que cada indivíduo apresenta prismas de interesses e comportamentos específicos. Na verdade, este foi um grande desafio neste momento, porém, foi a construção de um novo saber na vivência e de uma nova experiência, enfim, de um fazer-se profissional, afinal, “Ninguém nasce educador ou marcado para se educador. Agente se faz educador, agente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.” (FREIRE, 1991. p. 58).

É inegável que o estágio é um importante momento para aproximar-nos da realidade escolar. Percebi outros problemas quanto ao campo de atuação: o primeiro reside no fato de muitas vezes que ele ocorre às pressas; o segundo é que a falta de campo para estágio são alguns dos problemas encontrados na formação do licenciando, logo que muitos diretores não gostam de receber estagiários nas escolas. Deste modo, o aluno fica procurando onde se inserir, por isso o estágio nem sempre ocorre com o tempo suficiente para a preparação do graduando no que se refere à regência em termos de conteúdo. O estagiário acaba entrando em um universo desconhecido, no qual terá que atuar nele na regência, antes mesmo de criar vínculo com os alunos aos quais ministrará seus conteúdos.

Outro aspecto observado é referente à grade curricular dos cursos de graduação que contempla pouco tempo ao estágio. Durante o curso, estudamos muito sobre o ofício do historiador, escolas teóricas, processos históricos, porém, existe uma lacuna enorme que só é percebida durante o estágio. Os graduandos se inserem na escola por no máximo dois meses, tem uma visão rápida do processo de ensino-aprendizagem, e no máximo em duas semanas já estará ministrando as aulas de regência.

O estágio, com a prática da regência, deveria ser de no mínimo um ano, em uma única escola e em várias turmas. Isto permitiria uma maior observação da dinâmica escolar e suas necessidades, porém, muitas escolas não encaram o estágio de modo positivo, dificultando ou negando a ocorrência do estágio nas mesmas, por isso, concordamos que:

“(…) o Estágio Supervisionado deve ser considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor. Poderá auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo de trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria à prática”. Mas para que isso ocorra, o Estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes desvalorizado nas escolas onde os estagiários buscam espaço. Deve sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças. (KULCSAR, 1991, p.65).

A sala de aula apresenta também alunos com comportamentos e interesses diversos ou diferentes, e nem sempre somos capazes de contornar as dificuldades do ensino e da aprendizagem da História. Uma das preocupações dos estagiários é justamente sobre qual metodologia de ensino resultará na mudança da relação do aluno que muitas vezes percebemos ser indiferente e desinteressado por esta disciplina.

O desafio para nós professores é descobrir como os alunos aprendem. Ter domínio de um conteúdo é importante, pois passa maior segurança a quem ministra, no entanto, não é garantia de que isso despertará o interesse dos alunos, envolvendo-os, fazendo com que se tornem mais participativos nas aulas e compreendam os processos históricos, as rupturas, continuidades e renovações, percebendo que a História enquanto disciplina é um instrumento de reflexões sobre o passado, mas também sobre o nosso momento presente. Deste modo,

“(…) o domínio dos conhecimentos históricos a ensinar pelo professor não é condição suficiente para garantir a aprendizagem por parte dos alunos, embora deles, não se possa prescindir absolutamente. Se é correto afirmar que ninguém ensina, qualificadamente, um conteúdo cujos fundamentos e relações desconhece, também é possível supor que a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem.” (CAIMI, 2006. p. 21,).

O ensino da disciplina de História muitas vezes não consegue fazer com que o aluno perceba que é um sujeito com capacidade crítica, que interage com a história de seu tempo e com as configurações sociais à sua volta.

Diante de tantas questões, é necessário inovar as aulas, perceber que a sociedade e a juventude se modificam a cada dia no que diz respeito aos interesses, comportamentos. Hoje dispomos de novas tecnologias e a escola pública também deve mudar, receber investimentos que tragam estes recursos para o cotidiano escolar, incorporando-os como recursos pedagógicos, evitando que a utilização destes aparatos tenha um caráter de excepcionalidade, pois, nas escolas públicas, geralmente, a utilização destes recursos nas aulas é agendada, visto

que não há aparelhos audiovisuais como o computador ou tablet com internet para que todos os alunos possam pesquisar na sala de aula, não dispõe também de televisão com vídeo ou projetor multimídia em todas as salas. Na maioria das vezes escola quando dispõe de tais aparatos, eles estão apenas em uma sala específica e não em todas as salas, o que facilitaria e modernizaria as aulas.

O livro didático é motivo de divisão entre os professores, pois muitos o consideram dispensável e refutado, retrógrado, e, mais uma vez, voltamos a tocar na questão da inserção de tecnologias como recursos para as aulas. Um professor dinâmico pode passar melhor ou pior os conteúdos aos alunos tanto utilizando as novas fontes quanto o livro didático, já que isso depende da dinâmica e da identificação ou dedicação ao ensino, aos alunos, à disciplina de história ou outra disciplina.

Ensinar bem, exige, mais do que ter conhecimento ou teoria. Exige saber lidar com o humano em sua diversidade e atraí-los ao objetivo que é aprender.

Sabemos que, para boa parte dos professores da escola pública, o livro didático é uma das poucas fontes disponíveis para as aulas. Mas sabemos também que muitos professores não dispõem apenas do livro didático como fonte de pesquisa. Podemos utilizar as mídias ou pequenas mídias móveis existentes à nossa volta e elas também são fontes de informação para os alunos que sempre trazem assuntos cotidianos para a sala de aula, ou seja, na aula de história podemos dinamizar os conteúdos do livro didático com os temas trazidos pelos alunos, questões advindas da Tv, das redes sociais, das pesquisas à internet, ou seja, tudo o que desperte o interesse dos alunos deve ser trazido à pautada aula. Para muitos professores, sei que esta proposta pode ser absurda, difícil, trabalhosa: contextualizar passado e presente exige conhecimento e uma maior capacidade abstrativa para correlacioná-los.

O que estou querendo dizer é que, apesar de saber que informação não é conhecimento, sabemos também que pode vir a ser conhecimento quando trazemo-las para a nossa disciplina, para reflexão e debate. Não podemos perder a oportunidade de nos aproximar dos nossos alunos por meio de seu universo, e, por isso, temos que estar atualizados, sintonizados com os interesses destes jovens, pois as informações que eles trazem são seus mundos e este mundo é atual, porém, sempre há algo do passado que pode ser comparado, associado ao presente. Assim também ensinamos história, mesmo que saíamos do currículo formal para o currículo real.

Celso Antunes (2005, p. 11) faz uma importante observação sobre estas informações advindas dos meios de comunicação em massa:

“Estas, que antes chegavam aos poucos, capazes de serem assimiladas, comentadas e, portanto, mantidas nas lembranças, foram literalmente “atropeladas” por um avanço notável dos meios de comunicação que nos trás de toda parte, a cada segundo, uma infinidade imensa de saberes. O rádio, a televisão, os vídeos, mas ainda muito mais expressivamente a Internet, fizeram com que as informações ganhassem uma nova dimensão e incomensurável volume, alterando de forma substancial o papel da escola e a função do professor.”

Acreditamos que estas novas fontes e tecnologias não sejam a solução para o problema educacional brasileiro, e sabemos que elas não são garantia de uma aula perfeita e envolvente, porém, modernizaria a aula no que se refere a recursos didáticos.

Porém, a aquisição destes aparatos só será possível por meio do investimento do município, estado ou governo federal que destinam verbas de um modo o qual não compreendemos bem a lógica, porém, compreendemos que tem fragilizado o sistema educacional e não permite um rápido progresso neste sentido. Para Ferreira (1999; p.142), “A busca da melhoria de qualidade do ensino deve ser uma constante por parte dos pesquisadores, tanto em nível da graduação quanto, preferencialmente, no ensino fundamental e médio”.

Temos a consciência também de que a escola tem carências que a fragmenta e tornam difícil o trabalho do professor crítico, reflexivo e inovador:

“(…) as escolas de educação básica, com raríssimas exceções, carecem não só de uma bibliografia variada, mas, sobretudo de práticas pedagógicas que estimulem o debate, a investigação e a criação. Assim, ao contrário das universidades, via de regra nossas escolas são meros espaços de transmissão de uma ou outra leitura historiográfica que, fragmentada e simplificada, acaba muitas vezes impondo uma versão como sendo a verdade histórica sobre determinados temas”. (FONSECA, 2003, p. 39)

A escola tenta acompanhar a dinâmica de mudanças que ocorrem no mundo, porém, na escola pública, elas ocorrem de modo lento e dificultosamente. Ainda citando Rosa Kulcsar (1991, p. 63), estas mudanças “se tornam pouco viáveis devido à ausência quase total de uma infraestrutura”.

Neste processo de renovação e discussão sobre a escola e o ensino no século XXI, o professor tem papel importante, pois media os saberes utilizando-se de recursos disponíveis na escola. Vale salientar que a escola passa por um momento no mínimo contraditório, pois, enquanto fora da escola os alunos vivem em uma realidade na qual os artefatos tecnológicos

da era digital são acessíveis e cotidianos, dentro dela estes aparatos geralmente estão disponíveis em apenas uma “sala de mídia”, disputada pelos professores por meio de agendamento, o que é no mínimo desestimulante, e por isso, acabam por utilizarem os recursos mais tradicionais como o quadro negro e o giz ou a caneta retroprojetora, o que indica que as aulas continuam muitas vezes na dinâmica própria do século XX. Porém, também temos consciência de que:

“O mero uso dos recursos tecnológicos não é garantia de que ao serem postos em prática vão estar contribuindo para uma nova postura do professor em sala de aula. Aliado a estes recursos, o professor deve ter domínio dos conteúdos e das diversas metodologias, dentre as quais possa escolher a que melhor se aplica à construção do conhecimento histórico.” (FERREIRA, 1999, p. 147)

Partindo das questões observadas durante a regência na Escola Márcia Guedes, no que se refere ao interesse e participação dos alunos nas aulas de História, defendemos que se faz necessário buscar soluções que diminuam as dificuldades que os professores encontram no que se refere a despertar o interesse dos alunos do ensino médio para com a disciplina, ressaltado que a educação precisa renovar-se, inovar, percebendo que nossos jovens estão inseridos e interessados na cultura e símbolos do presente, uma cultura que dispõe de recursos que são velozes tanto quanto ou mais do que as mentes destes alunos que crescem acessando os diversos dispositivos da atualidade e interagindo diretamente com estes recursos, e desta forma:

“Como a nossa sociedade sofre um ritmo intenso de modificações, a escola e o ensino de história em especial, tem de acompanhar esse processo sob pena de transmitir conhecimentos já ultrapassados. Para isto deve incorporar os temas e as inovações tecnológicas com que os alunos já lidam no seu cotidiano. Constitui-se hoje, para os educadores do ensino fundamental e médio, um desafio muito grande ensinar alunos que têm contato cada vez maior com os meios de comunicação e sofrem a influência da televisão, rádio, jornal, vídeo-games, fax, computador, redes de informações e etc.” (FERREIRA, 1999, p. 144)

Estamos de fato diante de um processo sem volta, e a escola não pode ficar de fora da realidade de seus alunos, senão corre o risco de ser vista como ultrapassada, aumentando ainda mais o desinteresse dos alunos que interagem com um fascinante mundo de entretenimento e de saberes no qual eles mesmos pesquisam, interagem, aprendem tantas

coisas que a escola ainda não incorporou, tão pouco poderia deixar de utilizar associando-as aos conteúdos.

A escola pública parece ter ficado para trás no que se refere à utilização dos recursos tecnológicos que fazem parte da cultura desta nova juventude, ou seja, uma cultura caracteristicamente tecnológica, interativa e de entretenimento, uma sociedade veloz, uma cultura de recursos com os quais o aluno interage fora da escola de modo mais autônomo e direto, podendo inclusive aprender e experimentar o seu próprio poder de criação a partir dos símbolos da era digital, virtual e midiática da qual fazem parte.

É importante perceber também que os avanços da escola pública só podem ser feitos a partir de ação governamental, seja qual for à esfera que seja responsável por tais investimentos e esta é a maior dificuldade encontrada pelos que fazem a escola como um todo.

A escola tem a função de educar e preparar os indivíduos para os desafios da vida no que se refere a vida em sociedade e aos processos de preparação profissional para a inserção no mercado e trabalho, porém, pouco se investe na escola pública para que ela se renove e ofereça os recursos tecnológicos próprios do momento o qual os alunos vivem, e quando interagem na escola com tais recursos, o fazem esporadicamente, visto que a escola tem que adotar a política do agendamento de instrumentos que possibilitem uma aula menos tradicional ou seja, a aula, livro didático e giz.

2.3 A ESCOLA E AS NOVAS TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO OU INVIABILIDADE DE RENOVAÇÃO DE RECURSOS?

Percebemos que em muitos aspectos ocorreu uma reconfiguração social no final do século XX, causando um impacto que também afetou o ensino e a escola, logo que, “para muitos analistas, estamos vivendo uma mudança no interior da própria mudança” (FONSECA, 2003; p. 29). Não é difícil ver que ocorreu também uma mudança radical no comportamento juvenil em relação às gerações anteriores, a começar pela integração ou familiarização dos jovens com os aparatos tecnológicos como os computadores, tablets, celulares, etc. um universo de som, imagem e entretenimento que se popularizaram de um modo irreversível.

Este aspecto merece uma reflexão, pois a escola é feita para uma demanda que convive com estes objetos em seu cotidiano, e percebemos que eles fazem parte da cultura das novas

gerações, visto que além de serem objetos utilizados cotidianamente, são artefatos que transformaram significativamente o modo como a juventude e a sociedade se comunicam, aprende, se relaciona e transmite ideias.

Eles são também um desafio ao ensino, visto que boa parte dos nossos alunos trazem-nos para a sala e muitas vezes acham que eles são mais interessantes do que nossas disciplinas, significando entretenimento e muitas vezes símbolo de ostentação que tanto chamam a atenção da juventude do século XXI.

Durante o Estágio Supervisionado pudemos observar que estes jovens (nossos alunos), tem um universo cultural tecnológico de informações rápidas. Eles interagem também com o conhecimento e o entretenimento virtual, gostam de interagir com o audiovisual, e podem escolher o que querem fazer, ouvir ou ver por meio da internet. Fazem várias tarefas ao mesmo tempo, mas parece que, mesmo com esta nova capacidade própria desta geração, muitos deles ainda têm dificuldades na escrita e na emissão de opiniões sobre o que acabaram de estudar na sala de aula.

Isto é preocupante, pois parece que os nossos jovens estão nos dizendo que não aprendem mais do modo tradicional e querem métodos de ensino que sejam próprios para as suas mentes e para o seu tempo. Assim sendo, o sistema educacional opera sem perceber estas deficiências no aprendizado, que deve ir além da alfabetização, ou seja, além do desenvolvimento da capacidade de decodificar os sinais linguísticos.

A compreensão dos temas abordados na sala de aula não ocorre apenas nas aulas de História, o que indica uma fragilidade do sistema educacional que alfabetiza, mas muitas vezes não ensina a pensar, a falar algo relacionado ao vivenciado na escola, defender pontos de vista sobre um tema, um fato, uma gravura, um filme ou qualquer coisa utilizada como recurso didático. Nossos alunos têm dificuldades de leitura e escrita, mas utilizam as mídias e pequenas mídias com bastante domínio.

Irané Antunes analisa as dificuldades de leitura como sendo um problema educacional referente à matéria de português, mas que acaba por afetar as outras disciplinas, como a História, por exemplo:

“Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas (...) não podendo, portanto, tomar a palavra ou participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade.” (ANTUNES, 2003, p. 20).

Deste modo, observamos que o ensino de outras disciplinas se relacionam e auxiliam-se na compreensão de diversos pontos entre si, como é o caso da leitura que também é necessária na sala de aula de História.

Apesar desta observação preocupante em relação aos alunos, sobre o nível de compreensão dos temas por meio da leitura ou da interpretação visual e auditiva dos conteúdos nos mais diversos recursos de ensino, é importante lembrar que a escola tenta mudar seu modo de dar aulas ainda com aspectos do século XX, visto que estamos no século XXI e, por isso, um dos debates sobre a renovação metodológica da escola refere-se aos seus recursos materiais para auxiliar o professor durante as aulas.

Como vimos neste relatório, a tecnologia atual e as facilidades de adquirir artigos eletrônicos viabilizou a popularização destes artefatos entre os jovens, e geralmente, eles acabam trazendo-os para as nossas aulas e muitas vezes distraem também a outros alunos ou até mesmo atrapalham a aula.

Durante o estágio realizado no Márcia Guedes, ao perceber esta realidade, fiquei pensando como inserir aqueles “artefatos deste século” nas aulas. É um desafio que na verdade se constituiu quase numa impossibilidade para mim, e, portanto foi inviável no momento. Nem todos tinham celulares ou tablet’s navegando na internet, mas, seria de grande ajuda se fossem utilizados como ferramenta de pesquisa caso a escola tivesse internet compartilhada e alunos com estes objetos. Isso permitiria mais um recurso didático com o qual interagiriam diretamente, além de resolver um problema de agendamento de aparelhos audiovisuais que muitas vezes são escassos ou meramente figurativos nas escolas públicas. É preocupante o fato de que

“A escola, hoje, não é um lócus onde os estudantes tenham prazer de fazer, aprender, conhecer, pensar; é sim um reflexo da nossa sociedade que vive em crise, e aqueles que são responsáveis pela elaboração da política educacional não estão muito preocupados em resgatar, discutir e melhorar a qualidade da educação”. (FERREIRA, 1999, p. 143)

Deste modo, se algo de significativo e renovador não ocorrer no sistema de ensino e nas mentalidades dos professores em relação à modernização e dinamização das aulas, para muitos alunos a escola pública corre o risco de significar cada vez mais algo anacrônico, sem sentido e ultrapassado.

3 RECONHECIMENTO DO CAMPO DO ESTÁGIO

O estágio supervisionado ocorreu na Escola E.E.F.M. Eng.^a Márcia Guedes, situa-se à Rua 1º de Maio, 220, no Centro da cidade de Belém, Paraíba, na turma de História do 3º ano “C”, tarde, que neste ano de 2014, tem como professora titular Cristiane Ananias Cardoso.

A escola faz parte da 2ª Regional de Ensino, sendo a maior escola da cidade, com o total de 1.040 alunos matriculados e distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite no ensino regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os alunos são oriundos das zonas urbana e rural, estando na faixa etária entre onze e trinta anos, pertencendo economicamente a grupos de baixa-renda.

Pudemos observar que, em termos estruturais, a escola dispõe de salas amplas, carteiras bem conservadas, sala de reunião, sala de multimídia, biblioteca, banheiros, secretaria, sala de professores, auditório, cantina e ginásio poliesportivo. Uma observação sobre a biblioteca que chama atenção é o fato de que há muitos livros didáticos de anos anteriores e livros da literatura nacional. Não vi uma oferta de livros para pesquisa histórica que não fossem livros didáticos.

As relações entre alunos e professores e funcionários pareceram respeitadas, e especificamente na turma do 3º ano C, percebi que os alunos mantêm uma relação amistosa para com a professora, mas, na escola, são constantes as ocorrências de atritos e discussões entre os alunos, desentendimentos causados por disputa entre pessoas dos seus círculos de relacionamento ou por questões diversas no interior da escola (em outras turmas).

Quanto à escola em relação ao estágio, encontrei abertura e disponibilidade de recursos para a regência das aulas, não encontrando dificuldade para utilizá-los, desde que nenhum outro professor tenha agendado previamente a sala de recursos audiovisuais. Não encontrei também objeção por parte da direção da escola ou por parte da professora regente e demais funcionários, ao contrário, encontrei apoio, estrutura, abertura e orientação necessárias.

3.1 VIVENDO A DOCÊNCIA

No primeiro contato com a professora Cristiane, titular da turma do 3º ano “C”, conversamos sobre os conteúdos a serem abordados, que, devido a não disponibilidade de campo de estágio em Guarabira, tivemos que usar do pouco tempo disponível após o período de indefinição do campo de estágio, restando-nos a possibilidade de viabilizá-lo em outras cidades.

Ficou acordado que como o estágio já estava em caráter de urgência, devido à minha dificuldade em achar escola para o estágio, as aulas a serem ministradas não deveriam levar muito tempo para a elaboração das mesmas, além disso, a professora facilitou meu conhecimento sobre as características dos alunos no que se refere ao interesse e participação da turma na aula de história: muitos deles apresentam um nível de dispersão considerável nas aulas, e em seus diálogos paralelos às aulas ou durante o recreio, muitos parecem não ter perspectivas quanto ao futuro em relação ao trabalho, metas, foco estudantil visando uma formação para determinada atividade profissional, porém, no período das provas, eles tentam prestar mais atenção às aulas, não pelo interesse no que está sendo ministrado, mas por uma necessidade da obtenção de notas favoráveis à aprovação.

Estive na escola três vezes durante a semana anterior ao início do estágio, observando a estrutura da escola e as relações entre os funcionários, alunos e professores e me informando sobre os recursos disponíveis na escola, e visando ainda conhecer os funcionários para uma maior integração entre eles e eu.

Neste mesmo período, fiz uma visita à turma do 3º C, e pude observar que os alunos estão em idade de 15 a 20 anos, tem acesso a computador e a internet, seja em casa ou nas lan-houses, tem interesse por moda, música, relacionamentos, enfim, são jovens e se manifestam em sociedade a partir de seus espaços simbólicos.

Percebi também que alguns alunos, estão preocupados com o ENEM, e notei a preocupação da professora Cristiane em fornecer conteúdos visando prepará-los para este exame.

Durante a regência, percebi também que os alunos estão constantemente atentos ao que acontece fora da escola e isto é possível por meio dos celulares que adentram a escola com eles, mas o whatsapp ou as mensagens de texto e até mesmo os telefonemas recebidos, acabam atrapalhando a aula e desviando a atenção dos alunos, visto que geralmente eles têm a necessidade de ouvir música no celular, ou atender ao telefone e ler os recados no aplicativo, nem sempre com o uso do fone de ouvido, mas, também sabem que tem que guardar ou

silenciar o aparelho celular quando solicitados, mesmo algumas vezes apresentando resistência, indiferença ou questionamento.

Após o contato com a professora, recebi os temas das aulas que seriam ministradas, a professora deixou bem claro que eu ficaria livre para utilizar as fontes e os recursos que eu desejasse nas aulas. Percebi também que a mesma também ministra aulas com o uso de data-show e vídeo, quando necessário, o que já aponta uma visão educacional que se utiliza de recursos além dos tradicionais “quadro, livro didático e voz”.

Recorri à leitura de artigos que achei importantes para a discussão em sala de aula, bem como capítulos de livros vistos durante a disciplina de História do Brasil Republicano nesta Universidade, além de pesquisar algumas vídeo-aulas disponíveis no youtube, oriundas de sites voltados para a área educacional.

Neste primeiro encontro regencial, tínhamos um horário, e pretendia me familiarizar com os alunos, conhecer um pouco seus perfis em relação aos interesses, ideais, comportamento, relação com a disciplina, com a escrita, leitura e a fala, bem como com a professora, visando realizar uma introdução do conteúdo de Brasil República. Para a aula, trouxe um texto disponível no site UOL Educação: “Monarquia e República: Entenda a transição entre essas duas formas de governo”. Levei cópias para os alunos, e realizamos uma leitura do texto na sala, solicitando-lhes que anotassem os pontos que gostariam que fossem discutidos ou melhor explicados, ou mesmo o que eles acharam interessante.

Encontrei alguma dificuldade para a execução desta atividade. Infelizmente, são poucos os alunos que gostam de ler. E boa parte dos que leem, não compreendem bem o que leram. Esta é uma realidade constante no contexto escolar. Muitos alunos não foram estimulados à leitura durante os anos iniciais e continuaram nos anos seguintes com problemas de leitura e de ortografia, não sentindo prazer pela leitura e pela pesquisa.

Um aluno fez uma observação interessante. Para ele, "a História de hoje não é muito diferente do passado, pois, ainda hoje, há muitos desentendimentos políticos, e neste jogo de interesses, os partidos vem recebendo adesões de antigos inimigos e o abandono de membros antigos nos partidos em troca de Hierarquias ou privilégios, citando a saída de vereadores do bloco opositor da cidade para o bloco situacionista, e segundo o aluno, esta saída se deu como sempre se dá tudo em Belém, ou seja, por meio da compra de apoio e o preço é alto, mas também deixa os políticos malvistas pelos eleitores". Este comentário para mim indicou a capacidade de relacionar continuidades nos processos históricos ou mesmo de perceber semelhanças.

Terminei a aula após ouvir os questionamentos de alguns alunos, mas eles se comportaram timidamente, o que para mim significou algo natural por estarem diante de um momento diferente na sala e de uma pessoa que não faz parte de seu cotidiano, ou seja, um estágio e uma estagiária.

Uma observação importante acabou me trazendo um desafio. Nesta aula e nas visitas que fiz à escola alguns dias antes de iniciar as aulas regenciais deste estágio, percebi que muitos alunos se dispersam bastante na aula "tradicional" (voz, quadro, giz). Não sei dizer se o motivo dessa distração ou dispersão seja a inabilidade do professor com a disciplina ou a falta de interesse dos alunos para com a disciplina ou até mesmo um desgaste dos alunos pela aula com tais recursos.

Gostaria de ver como os alunos interagiriam com video-aulas como recurso didático, pois, as mentes dos alunos estão muito adaptadas à informatização, ao som e a imagem que são parte da cultura deste século, então, utilizar os recursos tradicionais torna-se um desafio no que se refere a prender a atenção destas mentes acostumadas com os audiovisuais. Estes recursos circulam diariamente em sua realidade juvenil a partir das tecnologias que eles dispõem, por exemplo; os celulares, computadores e também a televisão, gostaria então de aproveitar esta familiaridade deles para com os audiovisuais e ver se conseguiria despertar mais a atenção dos alunos.

Desta feita, no segundo encontro, teríamos duas aulas seguidas. Daríamos continuidade ao conteúdo da Proclamação da República, exibindo dois vídeos: o primeiro, com 12 minutos de exibição, a Aula 45 - O fim do Império do Brasil (História - Ensino médio), que integra a série de tele aulas do Telecurso. O vídeo apresenta resumidamente aspectos que colaboraram para a Proclamação da República: as pressões abolicionistas, pressão inglesa pela abolição da escravidão, a perda de apoio das elites agrárias para com o Império diante do fim da escravatura, o fortalecimento do sentimento patriótico com a vitória do Brasil na Guerra do Paraguai, e o desejo de maior participação política por parte dos militares, que aderem às ideias republicanas, assim, militares, intelectuais e estudantes também defendem estas ideias. Outro aspecto discutido foi o desejo de autonomia por parte das elites políticas dos Estados, a formação dos partidos republicanos que aceleraram o fim do Império brasileiro, devido ao choque de interesses destes grupos diante do poder centralizador imperial.

Ainda em continuidade desta aula, o segundo vídeo teve 13 minutos de exibição, a Aula 46 (que dá sequência ao vídeo anterior). Vimos mais detalhes sobre a implantação da ordem

republicana (História - Ensino médio), abordam-se os primeiros anos da República, ou República Velha. As crises entre militares e civis, e a não estabilidade política. Traz a aspectos da questão militar, dos civis e o liberalismo, a Constituição de 1891, que trocou o modelo europeu pelo modelo americano de leis, o federalismo, ou seja, a descentralização do poder, o fim do poder moderador e a implantação dos Três Poderes, a modificação do sistema eleitoral, porém apontando suas contradições (o voto universal que na prática excluía as mulheres e analfabetos, o voto aberto, ou seja, a continuidade de práticas do regime antigo). A instituição de símbolos nacionais para despertar o sentimento de identidade do povo do Brasil Republicano. Para finalizar, este vídeo mostra rapidamente questões do governo de Floriano e as rebeliões de Canudos, a reviravolta política que culminou na eleição do paulista Campos Sales.

Deixei o espaço para que os alunos falassem sobre a aula, dentre os poucos que comentaram algo, pude perceber que o objetivo da exibição deste vídeo foi cumprido, ou seja, a percepção das relações de poder na História Brasileira, visando compreender o processo histórico e os fatores que influenciaram as lutas pela República do Brasil.

Para finalizar, pensando em fornecer possibilidade de leituras, indiquei a leitura de textos do site Brasil Escola, que tratam deste tema, além de outros sites educacionais, ou seja, pesquisar ainda sobre o coronelismo, a sociedade, a construção simbólica da República, e tudo sobre a Primeira República, visando despertar o hábito à pesquisa, bem como fornecer elementos de leitura para ampliar informações, visto que os alunos precisam de aquisição de mais conhecimentos para o Enem.

Perguntei o que os alunos acharam da aula. Alguns acharam interessante poder assistir a alguns conteúdos da disciplina. Um aluno disse que “é um modo a mais de aprender”, porém, para ele, seria mais interessante a exibição de vídeos com conteúdo próprio para adolescentes, pois, o formato visual destes vídeos apresenta outras linguagens, mais próxima deles e apresenta outro gestual também”.

Achei este comentário justo e lúcido, pois, nas aulas do professor Carlos Adriano na U.E.P.B., pudemos perceber a importância de saber que nem toda vídeo-aula, nem todo filme vai fazer sucesso com todos os públicos, pois especialmente a juventude, deve ser pega pela relação dos sentimentos que eles provocam, como por exemplo, alegria, ação, romance, etc. Eles gostam de cores, movimento, descontração e modernidade, pois são características de seus mundos juvenis e o vídeo exibido na aula do estágio, é feito para adultos.

No terceiro encontro, falamos sobre "A questão Militar na Proclamação da República". Nesta aula, propositalmente, não elaborei material escrito para suas leituras,

gostaria de perceber como eles interagiriam com essa forma de aula, utilizando a voz e o quadro para anotar tópicos. Gostaria também de analisar a capacidade de compreensão dos alunos sobre o assunto, ver o modo como escrevem, se havia muita dificuldade ortográfica e se havia dificuldade em produzir textos como percebi nos alunos do 8º ano no estágio do período anterior nesta escola e de fato, havia.

Infelizmente, esta realidade faz parte dos problemas da escola, visto que o aluno não pode ser reprovado, deve continuar na série seguinte e receber aulas de reforço na matéria que apresentou baixo desempenho, porém, estas aulas de reforço, ou tem sido ineficientes ou não tem ocorrido em muitos casos, pois, os alunos do terceiro ano continuam com o mesmo problema de aluno de outras séries, ou seja, dificuldade ortográfica, bem como na produção textual.

Neste dia, o calor também foi muito forte, além disso, nas outras salas, os alunos pareciam agitados, barulhentos. Não sei o que aconteceu neste dia, mas tinham alunos andando pelos pátios, outros conversando, realmente, foi difícil usar um pouco mais da voz, desejando que todos ouvissem, pois sempre isso afeta minha garganta, não é bom, e as salas deste colégio são enormes, o que exige mais de nós.

O livro didático adotado pela escola apresenta aspectos breves sobre o tema da próxima aula, na qual deveríamos abordar mais detalhes da República nascente. Realmente, dois graves problemas enfrentados pela escola pública são: o primeiro é a não disponibilidade de acesso à pesquisa para o aluno em cada sala, como recurso para as aulas, e aqui trato da questão dos conteúdos disponíveis na web, pois, evitaria tantos gastos com impressão de xérox, requer uma adaptação da aula tradicional à pesquisa direta do aluno pelos temas e sites conduzidos pelos professores. O segundo problema é a carência de fontes para pesquisa nas escolas, que em suas bibliotecas, apresentam muitos livros didáticos, literários, etc., mas poucos livros historiográficos.

Não queria deixar de levar conteúdo para os alunos, e isso custa aos nossos bolsos. Também não poderia ficar sem usar o livro didático, que é um custo ao governo, custeado por tributos pagos por nós. Outro dilema é perceber a facilidade do aluno em parar para ver vídeos, pois, está habituado com a televisão ou a internet em seu cotidiano, e fazer disso um escape às aulas, motivando-se pela pouca habilidade de regência.

Deste modo, para a próxima aula, depois de pensar sobre a dificuldade de concentração dos alunos e de participação ou interesse nas aulas de História, decidi ir apoiada

em elementos de pesquisa na internet e em leituras dos conteúdos disponíveis em casa, temas abordados na universidade mesmo, pois o livro didático guia os conteúdos programáticos, mas não deve ser a única base da aula. E, sinceramente, tenho resistências em utilizá-lo, pois vejo sua estruturação em muitos casos, muito limitada, além do que, no estágio anterior, os alunos me disseram que passaram muito tempo apenas lendo o livro didático e tendo que escrever algo sobre o que leram, pois infelizmente, há professores que não gostam de dar aula, e como eles mesmos disserem, “ficam sentados, fingindo anotar algo que ninguém sabe o que é”.

De fato senti-me entre a cruz e a espada, então, pensei no mais importante, ou seja, aquilo que eles precisam para o ENEM: conteúdo. Assim sendo, na quinta e sexta aulas, discutiríamos sobre os principais Movimentos Sociais na Primeira República. Esta aula me fez invejar aqueles professores que conseguem dar aulas sem utilizar livros, vídeo, ter segurança e informação suficientes para não ter que se apoiar na alternância de recursos para as aulas.

No datashow, exibimos dois textos: 1- "O Governo de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto". 2- "República Velha: coronelismo e oligarquias" para a discussão de seus aspectos mais importantes.

Sobre este aspecto, um aluno comparou a relação dos coronéis da Primeira República com os políticos locais, que mantêm relação com os eleitores pela troca de favores, promessa de trabalho, material de construção, remédio ou dinheiro em troca de votos. Essa percepção relacional significou para mim a capacidade do aluno perceber as continuidades no processo histórico, e o simples fato dele partilhar isso, já fez da aula o que ela deve ser: aprendizado mútuo e troca de experiências.

Para a finalização da aula, trouxe um entretenimento em forma de disputa, elaborei dez perguntas e dividi os grupos em meninos e meninas, quem acertasse as perguntas trazidas para o QUIZZ, ganharia uma caixa de chocolates. Foi interessante fazer esta atividade, pois acabou mostrando que eles gostam de competir e todos queriam ler melhor o texto, foi engraçado ver o clima de disputa entre eles e ver que eles também gostaram da atividade.

A esta altura do estágio, muitas preocupações vieram à minha cabeça. Ser iniciante na área de educação, ter que enfrentar a elaboração de aulas, planos de aulas, familiarizar-me com termos que nunca vimos ou ligeiramente vimos como parte da ementa, faz com que

fiquemos inseguros. Realmente, confesso que até o fim do estágio, ainda não sabia elaborar muito bem um plano de aula.

Para tratar da Revolução de 1930, disponibilizamos o texto do UOL Educação: "Revolução de 1930: Movimento revolucionário que derrubou a República Velha". Nesta aula em particular, pude perceber melhor algumas pessoas mais observadoras e mais silenciosas. Para mim foi uma surpresa quando uma aluna começou a comentar que percebeu o tempo todo que "a História parece mostrar a mudança dos regimes de governo sempre com o acontecimento de lutas sociais e disputas políticas ou ideológicas, e parece que isto move a História". Quando falamos em Tenentismo e Coronelismo, a aluna também associou os temas à realidade da maioria das cidades do interior do Nordeste que é de disputa política feita pela compra de votos, promessas, e o que ela chamou de "novas formas de cabresto". O tempo todo nesta aula surgia comentários sobre os políticos locais e suas práticas que foram associadas às práticas da República Velha. Para outra das alunas, "parece que em termos políticos, isso não acabou em Belém".

Na penúltima aula, a professora desejava que abordássemos algo mais sobre a política dos governadores e as diferenças da política do café-com-leite. Para esta aula, dispus de cópias do texto "Política dos governadores: entenda esse acordo do período republicano". Na verdade, sites ou vídeos do UOI educação, Tele aulas do telecurso, Brasil escola e outros sites voltados para a área educacional, foram de grande valia para mim, pois, significou subsídio pronto para as aulas e uma fuga do livro didático, disponibilizando conteúdo de modo rápido e bem elaborado.

A professora Cristiane gosta de participar das aulas, comentar, o que não é diferente da professora Márcia (do estágio que fiz nesta escola no 8º ano). Elas gostam de reforçar bem os conteúdos e ajudar bastante no processo de estágio. Não abandonam o estagiário na sala de aula.

Se há uma falha que confesso é o fato de não ter pedido para ver seus planos de aula, me senti constrangida em pedir algo tão pessoal. Outro fator que considero uma falha reside na minha dificuldade em escolher temas, conteúdos, enfim, tive todo tipo de dificuldade, neste caso, as dificuldades residiram menos nos alunos e mais nos conteúdos, o que diferiu do estágio no 8º ano.

Para a última aula, utilizando o livro didático, visávamos discutir e conhecer as rebeliões da República oligárquica, o contexto de insatisfações com o sistema político vigente, e deste modo, conhecer aspectos da Guerra de Canudos, o Contestado, a Revolta da Vacina, o Cangaço. É impressionante como alguns alunos tem a capacidade de relacionar temas históricos ao cotidiano. Um deles perguntou sobre a visão (aspecto simbólico ou imaginário) que a mídia mostra como representação do Nordeste. Para ele, "aquela representação tradicional, não representa o Nordeste" no qual ele vive, então, fui me lembrando de textos de Durval Muniz que pudemos discutir na universidade a construção simbólica para a identidade nacional e dos estados no início do século XX.

Percebi nesta aula a partir do vídeo, a oportunidade de discutirmos também a questão dos estigmas sociais difundidos como forma de combate a grupos que contestam ou reivindicam seus direitos ou ideais contrários ao poder vigente. Acabei mudando meu plano de aula, acrescentando essa discussão sobre o discurso de "coisificação" que é resultante de normatização dos modos, costumes, ou seja, da legitimação de comportamentos em nome de uma ordem social difundida ou imposta pelas elites e sua influência na sociedade, que muitas vezes acaba sendo recebida sem reflexão por parte de quem reproduz tais valores, simplesmente pelo fato de que tradicionalmente estes grupos apresentam algum tipo de poder, seja intelectual, religioso ou político.

Durante este estágio, tentei ao máximo discutir as principais questões de cada conteúdo, visando esclarecê-los em suas dúvidas, mas principalmente almejei instigá-los à oralidade, tentando identificar as dificuldades de compreensão dos conteúdos audiovisuais ou escritos.

Sobre um questionamento que surgiu durante o estágio anterior, aproveitei para analisar mais a questão da dificuldade ou falta de interesse pela leitura e pela escrita por parte dos alunos, e tive oportunidade de conversar com boa parte dos alunos durante o recreio, e o meu intuito era ganhar a confiança para analisar melhor as dificuldades de leitura, escrita e compreensão dos temas por parte deles. Aproveitei para conhecer um pouco mais sobre eles e suas perspectivas de vida em relação ao futuro e os anos de preparação escolar para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade.

Constatarei que muitos deles não mostraram preocupação com o futuro, com uma profissão, mas, alguns, relataram que sonham com profissões ligadas ao direito, medicina e o comércio. Perguntei se eles gostavam de ler, e as meninas demonstraram maior facilidade e

gosto pela leitura, mas, isto não significa que gostem de ler os conteúdos abordados nas disciplinas escolares, e sim, apresentaram o hábito de ler revistas voltadas para os interesses dos jovens como moda, comportamento, namoro, signos, etc. Já os meninos, disseram que não gostam de ler nem em casa nem na escola, tão pouco de escrever, pois, alguns deles acham chato o ato de ler e escrever.

Não me surpreendi ao ouvir de alguns alunos mais interessados nas aulas que eles não gostam do barulho dos outros alunos e que não conseguem compreender bem o que falamos quando outros alunos estão conversando na sala, visto que todo som se propaga muito rapidamente nestas salas de estrutura alta, larga e mais longas.

Diante de todas estas observações advindas da experiência de estágio supervisionado, percebo que o ato de ensinar história necessita de mudanças que possam superar o ensino tradicional, mas acima de tudo, o Estado, a escola e os professores tem que estar sintonizados em uma só direção, cientes de suas atribuições e dispostos a atuarem nelas de fato.

No que se refere ao Estado, este é um ponto delicado. Se observarmos as escolas públicas das capitais e do interior, elas são diferentes no que se refere à recursos. Não sabemos se esta diferença é fruto da proximidade com os espaços físicos dos poderes que lhes regem ou se reside no fato de que elas se inserem em cidades maiores, cujas verbas são destinadas em maior fluxo devido ao cálculo da renda per capita.

A respeito da formação continua do professor de história, sabemos que muitos avanços já foram feitos, mas especificamente na escola pública, os professores deveriam ter uma diminuição da carga horária e um trabalho contínuo por parte das secretarias de educação para inserir os professores nas formações e capacitações, melhorando o ensino por meio da atualização e aquisição dos saberes.

Quanto à formação inicial dos professores, acreditamos que faz-se urgente a tomada de medidas que valorizem o estagiário no sistema de ensino, melhorando a relação entre esta demanda e a instituição escolar, viabilizando abertura de portas para o estágio e como falamos, a remuneração ou bonificação do professor e da escola que acolhesse o aluno no processo de estágio pode ser uma solução para este problema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo este debate sobre a crise educacional, a necessidade de renovação do ensino-aprendizagem, seus recursos e suas metodologias bem como a formação do professor de História é um apelo à mudança e melhorias no sistema educacional, no intuito de tornar a escola mais capacitada para a preparação dos alunos para a vida como um todo, na percepção de que são sujeitos capazes de desenvolver uma consciência crítica e por tanto, emancipada para a sociedade democrática que ruma cada vez mais à inclusão da diversidade existente à nossa volta.

O aluno do século XXI tem outras possibilidades de aprender outros saberes, seja por meio da televisão, da internet, dos livros, jornais e revistas, e a escola deve mudar, buscar melhorias para oferecer a este aluno uma educação e qualidade que desperte nos alunos o espírito investigativo, contestador e experimentador das informações que recebe, e a partir da reflexão delas, construir o conhecimento necessário para cada seu crescimento em sociedade. O professor deve estar ciente de que:

“Para construirmos mudanças deveremos produzir um ensino que procure desenvolver a produção do conhecimento vinculando o ensino e a pesquisa, oportunizando aos sujeitos do processo uma postura que leve sempre ao questionamento, à coleta de dados bem como à permanente reflexão.”
(FEREIRA, 1999, p. 145)

É importante ressaltar que há uma necessidade de tornar o ensino de História nas escolas públicas algo mais atraente, capaz de se aproximar dos jovens ao ponto de despertar os sentidos ou a percepção de uma realidade próxima deles, assim como acontece com a música, a mídia e o mundo virtual com os quais os jovens se identificam e consomem prazerosamente seus discursos, símbolos e produtos, pois, esta realidade de infinitas possibilidades tecnológicas também traz para o professor outra possibilidade: a de inserir a disciplina de história na vida do aluno, por meio destas mesmas linguagens e recursos oferecidos pela tecnologia, saindo do modo tradicional de ensino que é o uso apenas do quadro, livro didático e voz, e passar a utilizar as tecnologias da internet, da televisão e de tudo que dialogue com os recursos disponíveis a esta sociedade tecnológica e estimulada social e cognitivamente pela tecnologia, de modo que possamos aumentar as possibilidades de facilitar ainda mais o conhecimento, a partir destes recursos.

Este discurso de renovação das aulas por meio da incorporação tecnológica como recurso didático não é novo, mas também não é nova a dificuldade de torná-lo real, visto que “na realidade brasileira, a desvalorização das licenciaturas como um todo, e mais especificamente a licenciatura em História, das faculdades de Educação e dos professores, bem como a falta de recursos materiais, constituem-se em obstáculos significativos para a transformação da escola”. (Ibid, 1999, p.145)

Analisando o fato de que muitos alunos leem o mundo também a partir destas tecnologias e da dimensão simbólica que podem extrair destes veículos a partir da relação emissor-remetente, apontamos a necessidade de tornar o aprendizado de História em algo tão interessante para os jovens quanto estas informações advindas dos veículos audiovisuais tão populares para os jovens da atualidade. Desta forma, “é necessário, portanto, que os professores de história passem a compreender que os processos de inovação, derivados do emprego dos recursos tecnológicos, servirão para oxigenar a prática docente”. (Ibid, p. 146)

Os recursos tecnológicos trazem “histórias”. Porque não podemos ensinar a História também nos utilizando destes recursos? E ao utilizarmos-nos destes recursos tecnológicos no ensino, onde encontrar aulas, séries e outros recursos educacionais audiovisuais que sejam interessantes para os alunos em termos de imagem, linguagem, elementos diversos que se aproximem da dinâmica dos jovens com os recursos tecnológicos que eles mais utilizam, e portanto, se identificam como sendo produtos indispensáveis nessa sua organização social e individual? Que tipo de conteúdo despertaria o interesse dos alunos pela disciplina de História, tornando-a dinâmica e interessante como os aparatos tecnológicos que eles tanto têm ansiedade de usar dentro e fora da sala de aula, ou seja, na escola e fora dela também?

Foi percebendo esta característica dessa sociedade juvenil tecnológica é que pude focar ainda mais a atenção para o potencial educativo que ainda precisamos aprender a usar e a dispor no ensino de História, o que deixa uma pergunta desafiante para nós, educadores da escola pública, que dependemos e muito da ação governamental para não pararmos no tempo, e entrar cada vez mais na era tecnológica, diminuindo a distância ou diferença entre a escola pública que na maioria das vezes não dispõe de todos os recursos que outras escolas também públicas dispõem, apontando uma falha dos poderes públicos que resultam em diferenças entre as escolas dos grandes centros e as das pequenas cidades, especialmente as mais afastadas das cidades mais importantes do país e até das capitais.

Percebemos ainda que sem a equiparação de recursos para a escola pública como um todo, não poderemos deixar de notar que há sim diferenças enormes entre a escola particular e a pública, que já consegue inserir muitos recursos tecnológicos no ato de ensino há quase uma década, enquanto que a escola pública ainda não dispõe destes recursos que permitam o contato direto do aluno com o saber, na mesma dinâmica que eles se relacionam com o mundo, a partir do contato direto com o que lhes estimula a mente e as relações, ou seja, os recursos tecnológicos audiovisuais.

Observamos que quando há na escola algo mais tecnológico como o computador ou Datashow, o aluno não interage com o conhecimento diretamente, visto que não há computadores ou tablets para todos, e é inegável que este estímulo é importante em seus processos simbólicos e cognitivos, pois os jovens estão mergulhados nesta dinâmica virtual que prefere as leituras simbólicas e visuais a leituras escritas como ocorre na sala de aula com o uso do quadro e do livro.

Não sabemos se as próximas gerações da escola pública poderão utilizar estes recursos no ato educacional e torná-los disponíveis para todos, visto que depende de ação governamental e investimentos educacionais de alto custo, mas, já não podemos negar que se a escola passa por um processo de reflexão ou crise. Certamente estes elementos podem se apresentar como um dos eixos de análise da prática educacional: a transformação do perfil do aluno que até a década de 1990 do século passado estava mais habituado com a leitura a partir da escrita e neste século, adentrou no mundo estimulado pelo entretenimento e informação fácil e rápida propiciados pela era das tecnologias audiovisuais.

Sabemos também que em relação à escola pública, apesar desta grande falha do poder público em relação às políticas educacionais e aos investimentos,

“A escola (...) não é meramente cativa da ação de seus legisladores e/ou outros atores políticos. Ela tem conseguido, mesmo em situações de muita precariedade, manter-se como espaço privilegiado e indispensável para a renovação educacional e, por essa via, para o aprimoramento da cidadania (...) De qualquer modo, em uma sociedade que seja ou pretenda ser democrática, a escola será sempre um espaço político por excelência e, como tal, responsável pela formação do cidadão e pelo pleno exercício da cidadania”. (NEVES, 2000, p. 34)

É preciso discutir sobre se as inovações tecnológicas e metodológicas podem realmente continuar fora da escola e do ato educativo, visto que não estão fora da dinâmica social e individual e até mesmo do perfil dos nossos jovens alunos, mas é fundamental lutar por melhorias de trabalho do professor, o que significa um olhar mais sensível e uma atuação

mais operante por parte do governo das esferas às quais às escolas fazem parte (municipal, estadual, federal) no que se refere à modernização da escola em suas tecnologias, metodologias e saberes por meio da oferta de formação contínua para os professores e melhorias estruturais na escola, tornando-a não apenas um espaço para o estudo, mas um local aonde os jovens tenham orgulho, prazer e vontade de frequentar.

Concordamos com Joana Neves (2000, p. 34), no sentido de que:

“O Professor se afirma como cidadão e, como tal, educa o aluno que, igualmente, se afirma como cidadão a partir dos dois espaços em que a escola se constitui, simultaneamente: o político e o acadêmico (...). No espaço político, que a escola é, verifica-se o exercício da cidadania enquanto elemento constitutivo do processo educativo”.

A cidadania é um direito de todos, “atributo do ser humano em sociedade” (idem, p. 35). O professor tem o seu papel na educação do cidadão, a qualificação para o ensino, que para Joana Neves (2000, p. 35) “é produzir e promover a produção do conhecimento (...) em todas as suas modalidades (...). Sem o conhecimento, cidadania é um discurso vazio. Não se sustenta, não se constrói uma sociedade democrática e não liberta o indivíduo”.

Se para a LDB no artigo 14 fica estabelecido que: “os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades” (idem, p. 59), a democracia parece não ter chegado perfeitamente às nossas políticas educacionais, já que grande parte da população a quem elas se destinam não participou de seu processo de elaboração, ou seja, a maioria dos professores.

“De qualquer modo, o próprio MEC não tem dado bons exemplos de acatamento a princípios como os estabelecidos no artigo citado.”As deliberações sobre os livros didáticos, os PCN, o decreto sobre o ensino técnico e agora (julho/97) as anunciadas propostas de mudança do segundo grau, parecem dispensar a participação dos profissionais da educação”.

Deste modo, compreendemos que as propostas educacionais no ato de suas elaborações, devem ser pensadas, discutidas e decididas por aqueles que cotidianamente lidam com a educação, os professores como um todo. São eles quem devem ter uma análise mais direta de suas práticas, necessidades e dificuldades do ensino-aprendizagem e tudo isto deve ser contemplado nas propostas que nortearão a educação, orientando ações e diretrizes na tentativa de oferecer ao aluno e à sociedade uma educação mais democrática e próxima de cada realidade

REFERÊNCIAS

A IMPLANTAÇÃO da ordem republicana. 2012. Teleaulas Telecurso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c317PzdU8R0>>. Acesso em: 12 maio 2014.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ANGELO, Vitor Amorim de. **Governos Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto (1889-1894):** Início da República foi marcado crises políticas e econômicas. 2013. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governos-deodoro-da-fonseca-e-floriano-peixoto-1889-1894-inicio-da-republica-foi-marcado-crieses-politicas-e-economicas.htm>>. Acesso em: 12 maio 2014.

_____. **Política dos governadores:** Entenda esse acordo do período republicano. 2008. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/politica-dos-governadores-entenda-esse-acordo-do-periodo-republicano.htm>>. Acesso em: 12 maio 2014.

_____. **Monarquia e República:** Entenda a transição entre essas duas formas de governo. 2008. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/monarquia-e-republica-entenda-a-transicao-entre-essas-duas-formas-de-governo.htm>>. Acesso em: 12 maio 2014.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português:** encontro e interpretação. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BRASIL, **Leis Diretrizes Bases Nacional:** Lei nº 9394. 20 de 12 de 1996. 5. ed., rev. atual.ampl. São Paulo: EDIPRO, 2012.

CAIMI, Flávia Eloísa. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Rio de Janeiro: Tempo, 2006.

CANCIAN, Renato. **República Velha (1889-1930) (2):** Coronelismo e oligarquias. 2005. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/republica-velha-1889-1930-2-coronelismo-e-oligarquias.htm>>. Acesso em: 12 maio 2014.

_____. **Revolução de 1930:** Movimento revolucionário derrubou a República velha. 2006. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/revolucao-de-1930-movimento-revolucionario-derrubou-a-republica-velha.htm#comentarios>>. Acesso em: 12 maio 2014.

CELSON, Antunes. **Como transformar informação em conhecimento**, 5.ed., Petrópolis, Vozes, 2005.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão. **Revista de História Regional** 4(2): 139-157 Inverno 1999.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

NEVES, Joana. Educação no Brasil: o que há de novo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Org.). **Contra o Consenso**: LDB, DCN, PCN e reformas no ensino. João Pessoa: ANPUH/PB –Editora Sal da Terra, 2000.

_____. Educação no Brasil: Professor cidadão, educando cidadão. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Org.). **Contra o Consenso**: LDB, DCN, PCN e reformas no ensino. João Pessoa: ANPUH/PB; Sal da Terra, 2000.

O FIM do Império do Brasil. 2012. Teleaulas Telecurso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yLq4MLx6Z2g>>. Acesso em: 12 maio 2014.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de professores**: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**, 9. ed., São Paulo: Contexto, 2004.